



A CONSTRUÇÃO DOS PAPEIS DE GÊNERO NA INFÂNCIA E AS IMPLICAÇÕES DO ABUSO SEXUAL NESSA TENRA IDADE

Raphaela Ferraz Figueiredo

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: raphaela.ferraz01@gmail.com

João Diógenes Ferreira dos Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: jdiogenes69@gmail.com

132

INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da pesquisa da tese tendo como objetivo abordar a relação entre os estereótipos de gênero e a violência sexual em face das crianças. A violência sexual contra crianças está intimamente interligada às questões de gênero e étnico racial atrelada a um processo histórico cultural que impôs à crianças e mulheres um lugar de submissão, opressão e domínio dos seus corpos, com a castração do seu poder e sexualidade. Tendo em vista que, a sociedade brasileira tem seus pilares no modelo familiar patriarcal, que delimita os lugares e acessos de acordo com o gênero, estabelecendo estereótipos de gênero e determinando papéis para crianças do sexo feminino e masculino (DUARTE E SPINELLI, 2019).

Na construção do trabalho, para que fosse possível compreendermos a ocorrência da violência sexual em crianças e adolescentes, no Brasil, fizemos uma pesquisa sobre as práticas e os modos de socialização de crianças desde o período colonial, pois é nesse período, era comum as relações entre adultos e crianças, com o incentivo das próprias famílias com a constituição de casamentos entre crianças do sexo feminino e homens mais velhos, por exemplo (DEL PRIORE, 2014).

À luz dos escritos de Freitas (S/N), a discussão acerca das práticas sexuais entre crianças e adultos, passa para o início da exploração da colônia pelos portugueses, com a violação dos corpos de crianças e mulheres indígenas e das crianças e mulheres escravizadas que foram trazidas a partir do século XVI. Havia um pensamento ideológico presente nessa sociedade colonial que estereotipava corpos negros que, eram considerados pelos homens e mulheres brancos, como corpos quentes, sexuais, viris, libertino e depravados, diante desse pensamento, crianças e adolescentes, do sexo feminino e masculino, negros e negras, eram trazidos como o intuito de serem subordinados sexualmente.



As crianças negras eram expostas a toda sorte de violência, ainda que não houvesse esse caráter de violência, durante o período colonial, crianças e adolescentes do sexo feminino eram exploradas sexualmente, vítimas de abusos sexuais, tendo seus corpos vilipendiados por homens mais velhos, chamados de senhores velhos, bem como também eram violentadas sexualmente por filhos desses senhores para suas satisfações sexuais. Essa exploração de corpos femininos não era vista como uma forma de violência sexual, pois, para a sociedade da época, esses corpos eram próprios para os prazeres masculinos e contribuíam para a preservação a honra e moral das mulheres brancas e de classe social superior. (FREITAS, S/N)

Dentro das próprias famílias, as crianças por meio de uma determinação biológica, ou seja, fossem do sexo feminino ou masculino, eram ensinadas como deveriam se comportar socialmente. Como pode dito por Freitas (S/N), as crianças e adolescentes, do sexo masculino, no contexto da sociedade patriarcal, eram ensinadas a serem sexualmente ativos e aprendiam isso por meio da exploração dos corpos das meninas escravizadas, por outro lado, dentro das famílias patriarcais, as crianças do sexo feminino eram ensinadas a se portarem como damas e estarem prontas para se casarem.

Diante disso, quando falamos sobre o que entendemos ser um ato de violência sexual, devemos compreender que é uma forma de agressão permeada por uma complexidade de fatores, principalmente questões presentes na cultura brasileira que, naturaliza a ocorrência desse ato. Tratando-se de uma forma de violência compreendida como sendo, conforme SILVA E HAGE (2017, p.86):

É uma violação dos direitos sexuais, porque abuso do corpo e da sexualidade, seja pela força ou por outra forma de coerção, ao envolver crianças e adolescentes em atividades sexuais impróprias para a sua idade cronológica ou para o desenvolvimento psicosssexual. Trata-se de toda ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga outra à realização de práticas sexuais, por meio da força física, da influência psicológica (intimidação, aliciamento, sedução) ou do uso de arma ou drogas (SILVA E HAGE, 2017, p.86).

Apesar da compreensão acerca da violência sexual e a gama de leis que visam coibir essa prática, essa ainda ocorre diariamente, na contemporaneidade, pois abuso sexual infantil, ocorrendo em regra, de acordo Bohnenberger e Bueno (2021), cerca de 84% dos abusos ocorrem no ambiente intrafamiliar, sendo as crianças e adolescentes do sexo feminino são as principais vítimas dessa forma de violência, os números indicam 60% são meninas de até 13 anos de idade. Apesar de ser noticiada com frequência ainda



é constantemente naturalizada pela sociedade que pode ser lida e vista como misógina e adultocêntrica. Assim sendo, corriqueiramente palavra das vítimas é posta em dúvida, descredibilizando seu comportamento social, e outro lado, é comum vermos o acolhimento de abusadores.

METODOLOGIA

Diante das considerações brevemente expostas acima, em termos metodológicos, utilizamos a pesquisa qualitativa a partir da análise de entrevistas semiestruturadas, composta por cinco questões, realizadas com nove mulheres e dois homens que, durante a infância foram vítimas de Abuso Sexual, pois esses relatos e memórias nos permitiram ter uma visão mais ampla acerca da violência sexual. Utilizamos também a pesquisa bibliográfica que contemplou os temas memória, violência sexual, abuso sexual, gênero e família.

É importante ressaltar que a pesquisa ainda está em curso e, portanto, só foram ouvidas até o presente momento onze pessoas entre, dois homens e nove mulheres, entre 25 a 60 anos, todas domiciliadas no Estado da Bahia. Diante disso, não há possibilidade de apresentarmos resultados conclusivos acerca da nossa pesquisa sobre as memórias das pessoas que, durante a infância foram vítimas de abuso sexual, na Bahia. O viés da presente pesquisa é qualitativo de caráter descritivo. Godoy (1995, p.62) elenca uma série de características essenciais desse tipo de pesquisa, a saber, a “fonte direta de dados, o ambiente natural, o pesquisador como instrumento fundamental, o caráter descritivo, o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador e o enfoque indutivo”

A pesquisa proposta diz respeito à discussão acerca da violência sexual, especificamente o abuso sexual, por meio da oitiva das pessoas que, durante a infância, viveram o abuso sexual, em algumas cidades no Estado da Bahia. Para tanto, analisaremos memórias acerca desses abusos. Para esta empreitada, dialogamos com teóricos fundamentais para nos balizar no que se refere aos conceitos centrais (relações de gênero, família, criança, violência sexual).

Acerca das questões relacionadas, discorreremos com as perspectivas do abuso sexual, por meio dos estudos desenvolvidos por Maria Amélia Azevedo e Viviane N. de A. Guerra, com a leitura e utilização do conhecimento exposto na obra “ Infância e Violência Doméstica: Fronteiras do Conhecimento, bem como recorreremos ainda a



pesquisas e artigos acadêmicos que versam sobre o tema em análise disponibilizados nas bibliotecas virtuais, que são de extrema importância para um estudo comparativo da manifestação de violência doméstica em regiões distintas do país. Além de dados disponibilizados pelos órgãos oficiais de estatística ao exemplo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e dados apresentados pelo balanço da ouvidoria do Ministério dos Direitos Humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

135

Cabe dizer que, há uma relação entre a construção dos papéis de gênero e a violência sexual, pois sendo a sociedade brasileira patriarcal, falocêntrica e sobretudo adultocêntrica, a educação e socialização das crianças depende exclusivamente do sexo biológico e assim, a partir disso é construído socialmente o gênero.

Ademais, é na família que as crianças iniciam seu processo de socialização, é nesse espaço que moldamos nossa personalidade e aprendemos a estabelecer vínculos, hábitos, ideologias e valores sociais. (AZEVEDO E GUERRA, 2015) A família é, independente da sua forma de constituição, pois há uma multiplicidade de formas de famílias, é o primeiro marco social, a construtora dos primeiros valores, as memórias transmitidas, bem como é na família que os estereótipos de gênero são impostos a partir da educação das crianças.

Durante uma das onze entrevistas, podemos ouvir o relato sobre essa questão da socialização mais de uma vez. Ao ser questionada sobre como foi sua infância, a participante nº 1 disse:

Minha infância foi perfeita, eu era criança como uma princesa da Disney, brincava de bonecas e casinha, recebia os melhores conselhos para sempre me comportar bem, tinha a melhor educação e sonhava em me casar, pois meu ideal de felicidade era fazer tudo para me casar, dessa forma eu era uma menininha que estudava, mas queria aprender tudo de casa.

Ela segue explicando sobre sua infância, citando tudo que ela aprendeu com sua mãe, sua tia e avó sobre comportamentos femininos, também demonstrando o quanto ela foi muito feliz até o dia em que ela sofreu o abuso sexual. Ela foi abusada sexualmente por um parente, seu primo dez anos mais velho, ela tinha dez anos e ele vinte anos e durante o seu relato, a participante nº 1 cita o comportamento do seu primo:



Ele não sabia ouvir um não, sempre impondo sua vontade com muita altivez e determinação, se dizia o pegador das mulheres, usando sempre palavras muito chulas ao se referir a nós mulheres, uma pessoa bem desagradável, mas eu jamais imaginei que ele fosse capaz de me machucar.

Diante disso, é importante falarmos que, é na infância que os estereótipos de gênero são impostos, pois aprendemos como devemos nos vestir, falar e nos comportarmos e convivermos em sociedade a partir da imposição de comportamentos de submissão e subserviência. Há uma imposição para que os meninos sejam fortes, rebeldes e poderosos, de outra forma, as meninas são delicadas, amável, dócil e submissas (DUARTE E SPINELLI, 2019)

Como assegura Louro (1997), quando abordamos sobre gênero estamos tratando de uma categoria construída socialmente que apresenta como resultado uma imposição de valores sociais e comportamento para o sexo feminino e masculino.

CONCLUSÕES

Diante do exposto, é preciso refletirmos que a violência sexual nasce de uma cultura de exploração sexual dos corpos de crianças e adolescentes, presente desde a sociedade colonial. Ademais, desde a sociedade colonial, havia práticas de socialização para crianças do sexo feminino e masculino, com a imposição de estereótipos de gênero dentro das famílias, assim, as crianças aprendiam dentro de seus lares valores e ideologias que foram e ainda são reproduzidas na contemporaneidade.

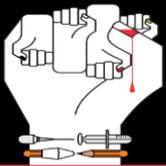
PALAVRAS-CHAVE: Violência Sexual. Criança. Papeis de Gênero.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Infância e Violência Doméstica: Fronteiras do Conhecimento**. São Paulo: CORTEZ EDITORA/ 7ª Edição, 2015.

BOHNENBERGER, MARINA; BUENO, SAMIRA, **Os registros de violência sexual durante a pandemia de Covid-19**, encontrado em <https://forumseguranca.org.br/>, acesso em 24 de abril de 2022.

DUARTE, GIOVANA, SPINELLI, LETÍCIA MACHADO, **Estereótipos de Gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada**, *Revista Sociais e Humanas*, Vol.32 nº02, 2019.



GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa – tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo.

LOURO, GUACIRA LOPES. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista** Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36.

SILVA, LÚCIA ISABEL, HAGE, SALOMÃO. **Violência e Violência Sexual contra crianças e adolescentes: Desafios para a atuação da Rede de Proteção aos Direitos Humanos na Amazônia in Violência Sexual contra crianças e Adolescentes: Cenários Amazônicos, Rede de proteção e Responsabilidade Empresarial,** Editora Lúmen Juris, Rio de Janeiro, 2017.

